

O *Design* Inteligente é Ciência?

John Frame

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

O “*Design* Inteligente” (DI, de agora em diante) é a visão de que o universo dá evidência de ser o produto de um projetista inteligente. Como tal, essa é uma teoria muito antiga. Certamente essa era a posição dos escritores bíblicos (como Salmo 19:1, Romanos 1:18-20). Historicamente, muitos têm articulado essa posição por meio do “argumento teleológico”: que, quando seres não-inteligentes agem por um propósito, eles devem estar sob o controle de uma inteligência pessoal.

Nos últimos 150 anos ou mais, o foco tem sido sobre a teleologia como oposta à evolução ateísta. Muitos como B.B. Warfield aceitavam a evolução em seus esquemas gerais, mas insistiam que o processo evolutivo deve ter sido dirigido por um Deus pessoal. Outros, tais como o *Institute for Creation Research* (ICR), argumentavam que a evolução, como usualmente concebida, não ocorreu de forma alguma. Em sua visão, a Terra tinha apenas cerca de 10.000 anos, e o registro fóssil pode ser explicado pelo dilúvio de Noé. Embora o ICR tenha sido acusado de impor sobre a natureza uma visão derivada da Bíblia, eles protestaram que não, que seus argumentos eram baseados na ciência somente.

Hoje, contudo, o DI refere-se a um movimento específico que se tornou famoso com a publicação em 1991 do livro de Phillip Johnson: *Darwin on Trial*.² Johnson é um cristão e professor de Direito na Universidade de Califórnia, Berkeley. Outros membros proeminentes do movimento são Michael Behe³ e William Dembski⁴. Behe e Dembski são cientistas. Johnson não é, mas como um advogado tem considerável habilidade em criticar argumentos, e tem usado essa habilidade impressionantemente ao desmascarar as alegações darwinistas.

Diferentemente da ICR, o grupo DI não argumenta em favor de uma Terra jovem ou um dilúvio geológico. Eles estão dispostos a aceitar a seqüência cronológica das vidas-formas mais ou menos como os evolucionistas a apresentam. Mas o evolucionismo hoje (“neodarwinismo”, como é algumas vezes chamado) argumenta que as forças naturais (principalmente seleção natural e mutação genética) são suficientes para explicar todos os seres vivos; não é necessário invocar a Deus. Essa é a questão específica entre o neodarwinismo e o DI.

Como um crítico da evolução, o DI tem atraído mais apoiadores que a ICR e outros, entre muitos cientistas, embora seu apoio entre eles ainda seja bem pequeno. Muitos filósofos da ciência cristãos têm aplaudido o trabalho do DI.

Assim, tem sido levantada a questão se o DI deve ser ensinado aos estudantes na escola. Desenvolvimentos seguindo o julgamento de John T. Scopes em 1925 estabeleceram o ensino da evolução nas escolas públicas. Mesmo criacionistas cristãos, no geral, reconhecem que os estudantes devem saber o que é a teoria da evolução, visto que a

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em janeiro/2007.

² Washington: Regnery Gateway, 1991.

³ Veja seu *A Caixa Preta de Darwin* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997).

⁴ Veja seu *Intelligent Design* (Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1999).

mesma se tornou a visão predominante de biólogos e geólogos. Mas a questão agora é se o DI deve ser ensinado juntamente com a evolução como uma visão alternativa.

No geral, a situação legal não anda bem para o DI. As cortes judiciais têm decidido que, porque é “religião”, e não “ciência”, o DI não tem lugar num currículo científico. Além disso, ensinar o DI, muitos contendem, é violar o princípio da “separação da Igreja e Estado”.

Eu sustento uma visão originalista ⁵ da questão Igreja/Estado. A Constituição dos EUA não diz nada sobre uma “parede de separação” entre a Igreja e o Estado. Ela apenas proíbe que o Congresso defina uma igreja nacionalmente estabelecida. Quando a Constituição foi escrita, vários Estados tinham igrejas estabelecidas. Parte da intenção da Constituição foi dar liberdade aos Estados neste respeito. Certamente, nenhum dos fundadores pretendia abolir todo o apoio da religião pelo governo. Todavia, minha visão não é a única atualmente sancionada pelas cortes. Provavelmente a questão do ensino do DI não será resolvida por um repensar da relação entre a Igreja e o Estado.

Mas deve ser dito mais sobre a relação entre a religião e a ciência. O DI é religião ao invés de ciência? Em meu julgamento, religião e ciência não são facilmente dissociados, por razões como as que seguem:

1. A *ciência é religiosa*. Vários escritores (Kuyper, Dooyeweerd, Clouser, Van Til, Polanyi, Kuhn, Hanson, Poythress) têm feito um caso impressionante de que a ciência não é religiosamente neutra. No nível mais óbvio, a ciência pressupõe muitas coisas que não pode provar, mas que devem ser admitidas pela fé: a uniformidade da natureza, a correspondência do pensamento com a realidade, a universalidade das leis físicas, os valores requeridos para a busca honesta da verdade. De fato, suas idéias e metodologia pressupõem o teísmo cristão, embora nem todos eles estejam dispostos a admitir isso. ⁶

A despeito da incerteza de muita ciência, há um sentido também no qual a ciência, como a religião, impõe a “ortodoxia” sobre os seus aderentes. Como Kuhn indica, centros de pesquisa criam comunidades de cientistas, e se alguém quiser entrar nessa comunidade, não deve se desviar dos paradigmas padrões. Certamente algo como isso tem acontecido entre os neodarwinistas. Assim, existe uma forte analogia entre ciência e religião que tem sido ignorada na maioria das discussões.

2. A *ciência é mais que observação e experimentação*. Como muitos dos pensadores mencionados anteriormente apontaram, os cientistas não conseguem simplesmente os dados. Eles também propõem hipóteses para investigação. Eles devem deduzir conseqüências dessas hipóteses. A observação e o experimento buscam essas conseqüências para verificar ou falsificar as hipóteses. Mas a própria hipótese não é necessariamente o resultado de observação ou experimentação. Einstein, por

⁵ Nota do tradutor: No contexto da interpretação constitucional dos EUA, **originalismo** é uma família de teorias que compartilham o ponto de partida de que uma Constituição (ou estatuto) tem um significado fixo e passível de conhecimento, estabelecido na ocasião da passagem ou ratificação. Um neologismo, “originalismo”, é uma teoria formalista da lei, que está intimamente entrelaçada com o textualismo. Hoje, ele é mais popular entre os conservadores políticos norte-americanos, mas alguns liberais, como Hugo Black e Akhil Amar, têm igualmente consentido com a teoria. Exemplos de conservadores que aprovam essa linha incluem Antonin Scalia, Robert Bork e Clarence Thomas.

⁶ Poythress, “Why Scientists Must Believe in God: Divine Attributes of Scientific Law”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 46/1: 111-23. Disponível em www.frame-poythress.org.

exemplo, não desenvolveu suas teorias da relatividade sobre a base de observação ou experimentação. Antes, suas idéias inicialmente vieram de “experimentos mentais”, imaginando como as coisas provavelmente seriam. Muitas de suas hipóteses foram subseqüentemente verificadas pela observação e experimentação. Einstein não foi ele mesmo um cientista experimental. Mas ninguém nega que ele foi um cientista de primeira ordem.

O trabalho da ciência, então, não é somente observacional e experimental, mas também imaginativo e lógico. O cientista deve usar sua imaginação para determinar hipóteses significantes, e sua lógica para determinar qual ele tomará para verificar ou falsificar essas hipóteses e se um experimento tem, de fato, verificado ou falsificado a mesma.

As pessoas freqüentemente reclamam que o DI não é ciência, pois não é baseado sobre a observação e o experimento. Essa acusação é falsa, pois os escritores do DI dependem de pesquisas já feitas por outros. E alguns escritores do DI, como Behe, já fizeram e publicaram pesquisas significantes. (Alguns outros escritores de DI fizeram o mesmo, mas tiveram problemas em publicar suas descobertas, segundo eles, por conta do preconceito).

Mas a principal contribuição do DI para a discussão é lógica: avaliar o que é requerido para verificar a teoria evolutiva, julgar se a evidência a estabelece, e se não, quais mudanças devem ser feitas à teoria evolutiva para torná-la crível. O DI primariamente *interpreta* dados, ao invés de acumulá-los. Mas isso não faz do DI não-científico.

A maior parte do neodarwinismo hoje é explicitamente anti-teísta. Os neodarwinistas crêem ter estabelecido uma base *naturalista* para a origem e o desenvolvimento da vida. O DI nega que eles estabeleceram isso e mostra evidência do contrário. Por que deveria a negação do teísmo ser considerada ciência, enquanto a afirmação dele ser considerada “religião”? Não é menos científico deduzir o projeto inteligente dos dados do que deduzir uma origem não-inteligente.

7

Assim, o Darwinismo, em alguns sentidos, é religioso, e o DI é científico.

3. A ciência deve estar aberta a toda a verdade Mesmo que a ciência e a religião pudessem ser claramente distinguidas, o que eu nego, é importante entender o que está envolvido na “abertura” da ciência à verdade. Imaginemos que a Bíblia é a palavra inerrante de Deus, e que nesse livro Deus fala sobre alguns assuntos de importância para a ciência. Agora, na discussão atual essa posição seria rejeitada como uma invasão da religião na ciência. Mas, quer a Escritura seja religião ou ciência, no mínimo aqueles que crêem nela alegam que ela é uma fonte de verdade. Se é uma fonte de verdade, como os cientistas podem justificar o fato de ignorar ou negá-la?

Sem dúvida, muitos cientistas negam que a Bíblia seja a palavra inerrante de Deus. Mas *se ela for*, esses cientistas estão perdendo algo importante, da mesma forma se eles negligenciassem dados importantes num estudo do efeito de uma droga. Assim, a questão da Bíblia ser verdadeira é uma questão de importância para a ciência, bem como para todos os outros estudos.

⁷ Além disso, a prova do último encontra as dificuldades padrões em se provar o negativo.

As afirmações do DI não são baseadas na Bíblia, embora muitos dos seus aderentes sejam cristãos. É difícil a mim imaginar que eles fariam as afirmações que fazem se não fossem cristãos. Mas essa questão é irrelevante. Para estabelecer o caráter científico das afirmações de alguém, não é necessário provar que elas *não* vieram de uma autoridade religiosa. Visto que eu creio que a Bíblia é verdadeira, penso que a confiança sobre a Bíblia (propriamente interpretada) seria um argumento a favor do DI, ao invés de contra ele. A tentativa dos escritores do DI de afastar a si mesmos da Bíblia é, penso, um expediente para evitar certas objeções populares, ao invés de uma posição necessária para a ciência genuína.

Concluo que o DI é tão científico, e tão religioso, quando o neodarwinismo. Como tal, ele deveria receber uma posição de igualdade com o Darwinismo nas escolas. Isso provavelmente não acontecerá no futuro próximo, devido à decisão da corte numa separação rígida entre religião e ciência, e por causa de uma doutrina ilegítima de Igreja e Estado. Mas sobre os métodos intrínsecos do caso, as duas posições deveriam ser no mínimo ensinadas lado a lado.

As escolas tipicamente afirmam estarem abertas a todos os pontos de vistas significantes. Os estudantes aprendem a pensar criticamente ao serem expostos a diferentes posições para avaliação. Nenhuma teoria humana é infalível. Enganos podem ser encontrados nos escritos de neodarwinistas e de escritos do DI igualmente. Expor as crianças somente à posição neodarwinista, e fazer a afirmação (surpreendente, pra mim) de que ela é “fato, não teoria” é privá-las de uma séria oportunidade ao pensamento crítico e também empobrece a sua educação. Esse tipo de dogmatismo é, penso eu, a prova final de que o evolucionismo é religião tanto quanto ciência. Aqueles que negam essa ortodoxia, como os escritores do DI, estão, através dessa própria negação, fazendo uma contribuição substancial à ciência.

Fonte: http://www.frame-poythress.org/frame_articles/IntelligentDesign.htm